



Centro de Competência de Ciências Sociais  
Curso de Educação Básica  
Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional VI  
3º Ano / 2º Semestre

**Docente:** Professora Guida Mendes

**Discentes:** Catarina Alexandra Jesus Sousa

**Reflexão:** As histórias: um lugar para sonhar!

*“Se a educação é a arte de cada um se relacionar com outrem e a pedagogia a arte de ensinar as letras, o sonho é a arte de relacionar os outros com os fantasmas e os fantasmas com as palavras. Se o sonho não nos ensinasse a fabricar dragões e a matar dragões, como havíamos de aprender as palavras e as letras que nos explicam que não há dragões para matar? Não se pode ensinar a arte de matar dragões porque não há dragões para matar...mas quando a nossa fantasia nos diz que eles existem, não temos outro remédio senão aprender a matá-los...”*

*João dos Santos*

As escolas de educação infantil de hoje, mais do que um lugar para deixar as crianças enquanto os pais estão a trabalhar, cada vez assume um papel indispensável no desenvolvimento global da criança, complementando o papel da família na sua educação e formação. Sendo assim, o educador é um elemento fundamental, com um papel integrador, estimulando e ajudando a criança, fazendo com que esta se sinta num espaço acima de tudo seguro e afectivo. Remetendo à Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, a educação pré-escolar deverá “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania” (OCEPE,1997,15).

A criança deve crescer e aprender em harmonia com todos os que a cercam, e ao educador cabe proporcionar, o mais possível, momentos que a predisponham para crescer, para aprender e para brincar. Nele deve estar a intenção de “providenciar actividades e aprendizagens cultural e socialmente úteis” (Portugal, 2011), no entanto não se limitando à dimensão dos conhecimentos intelectuais. Patente nas Orientações

Curriculares para a Educação Pré-Escolar está a importância de “familiarizar a criança com um contexto culturalmente rico e estimulante que desperte a curiosidade e o desejo de aprender” (OCEPE, 1997, 93).

Porque é através da comunicação que o ser humano exprime os seus sentimentos, emoções e pensamentos, ao mesmo tempo que capta as informações e faz a sua leitura do mundo, é fundamental que haja a preocupação de proporcionar espaços de expressão e comunicação. O contacto com o livro de literatura de recepção infantil desde tenra idade é por todos reconhecido como imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois vai ao encontro da sua linguagem, do imaginário e do sonho, e nada, na minha opinião (e mesmo nada) substitui a magia e o encanto de descobrir mundos e vivências tão diversos no momento em que se abre um livro colorido, cheio de “palavrinhas” e “desenhos” que contam uma história, que a trazem de longe para perto e de perto para longe, como um “(...) pássaro (...) guardando nas penas as cores dos lugares por onde passa”. (Alves, 2002, 20)

As Orientações Curriculares são muito explícitas quando dizem que “o contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (OCEPE, 1997, 70). De facto, ler histórias às crianças é uma ponte para um espaço de alegria e para estimular a imaginação através da visualização mental das personagens, dos lugares, das “coisas que acontecem” dentro do livro. Da mesma forma, a criança que ouve uma história está em contacto com todos os aspectos da língua, aumentando também os seus conhecimentos do que à linguagem diz respeito.

Nesta medida, os meus objectivos nesta actividade passavam, para além da simples fruição estética da história e do livro, em enriquecer o seu vocabulário, vivenciar momentos de humor, prazer e descoberta, desenvolver a consciência linguística, e ampliar os seus conhecimentos, a todos os níveis, uma vez que a história contada dizia respeito ao girassol, que as crianças também iriam plantar no mesmo dia.

De modo a despertar um maior interesse e envolvimento no grupo e fazer com que houvesse uma maior interacção entre a história e as crianças, elaborei as personagens (o sol, a lua, a estrela, o girassol) e levei sementes de girassol para que a história “falasse” por si também, num diálogo contínuo entre o real e o imaginário, com “(...) a utilização de fantoches, de vários tipos e formas que facilitam a expressão e a comunicação” (OCEPE, 1997, 60) e aproximam a criança do mundo que se quer contar.

A implicação das crianças na história demonstrou o quanto estas actividades vão ao encontro do seu mundo interior. O diálogo que se sucedeu à história foi pertinente para avaliar o seu envolvimento e atenção. É de referir que tenho pena de não ter tido um pouco mais de tempo para explorar uma música, por exemplo, mas senti-me extremamente grata por sentir na cara de cada criança, à medida que contava a história, a recepção e a alegria pela descoberta da história, que, segundo Silva (2002) “são as reacções das crianças que devemos tentar interpretar o mais precisamente possível, pois ajudam-nos a compreender se a criança está a perceber”.

A presença das histórias nas salas de educação infantil não deve ser modesta. O contacto com livros de qualidade, escolhidos com ponderação para servir os objectivos que se pretende atingir, é um factor de conhecimento da criança consigo, com os outros e com o seu mundo afectivo, ao mesmo tempo que permite integrar outras áreas de conhecimento e domínios. Na minha opinião, um catalisador da aprendizagem que jamais deve ser minimizado ou esquecido.

Esta actividade foi importante para mim na medida em que me deu oportunidade, in loco, de constatar a importância da literatura de recepção infantil bem como a facilidade com que as crianças se envolvem e aprendem outras áreas de conhecimento. Não posso deixar de referir que nós, adultos, também nos deixamos levar pelo poder do imaginário e da fantasia, estabelecendo com as crianças uma cumplicidade e interacção necessárias a uma semiose literária.

## **Referências**

Alves, R. A escola com que sempre sonhei. 2002. Asa Editores. Porto

Silva, B. Contar histórias: uma arte sem idade. 2002. Ática. São Paulo.

Orientações para a Educação Pré-Escolar. 1997. Ministério da Educação. Lisboa.

Portugal, G. Avaliação e Desenvolvimento do Currículo em Educação Pré-Escolar. 2011. Lisboa